

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário de Pernambuco

Class.: Diritos Indígenas/

Data: 2 de Dezembro de 1980

Pg.: Tribunal Russel
DIETR 0079

CARTAS À REDAÇÃO

190

Um cacique na Holanda

Há uma generalização entre o povo brasileiro para aplaudir o sabido, o vivo, o esperto, "que não trabalha para melhor poder ganhar dinheiro", sendo o homem honesto, aquele que não se aproveita da ingenuidade ou ignorância alheia, chamado de otário, trouxa, bocó. A figura do malandro é simpática, no teatro ou no cinema, engabelando sempre as pessoas de boa fé, para alegria do público. O "jeitinho" brasileiro é simples infração da lei, com aparência de legalidade. O ex-

presidente Vargas era endeu-sado por suas famosas ras-teiras, suas manobras políticas e sua habilidade em derrubar adversários.

O nº 638, da revista Veja, publica uma informação, onde a epígrafe é o logro. Há muitos logrados nas linhas e entreli-nhas de notícias, mas não esclarece a revista que o mais logrado é o leitor. Todos conhe-cem a batalha do índio Mário Juruna para comparecer ao Tribunal Russel, em Rotter-dam, como convidado de honra (eleito presidente do conclave)

e poder falar em defesa de seu povo. A recusa é taxativa e vem sendo mantida sob a alegação de que índio é tutelado e não tem personalidade jurídica. Ora, o Tribunal Russel tam-bém não tem personalidade jurídica e a presença de Juruna não teria caráter oficial. Acon-tece que o também índio Álvaro Sampaio, tukano cheirado e lambido da Funai, enganou todo o mundo e viajou para a Holanda. A Funai, iludida, fará de conta que ele é branco, e, como é índio mesmo, não será punido de regresso, por não possuir responsabilidade penal. Tudo muito bem arrumadinho. A explicação está nos jornais: Sampaio soltou o guarani em Rotterdam e desancou os mis-sionários salesianos, acusando-os, simplesmente, de etnocídio. Acusou-os, outrossim, de ensi-nar a língua portuguesa, proi-bir o uso de entorpecentes e combater os trajes nativos, isto é, andar nu, além de "crimes" menores. O impercebível Sam-paio, que possui carteira de identidade, título de eleitor, passaporte, os cambaus, com sua cara e o seu sotaque de ín-dio, não teve dificuldade em passar pelo crivo das reparti-ções. Escondeu o convite do Tribunal Russel (nem o Correio desconfiou) de sua tribo, do amigo Juruna, dos salesianos e do Cimi, que lhe obteve o pas-saporte sem perguntar para que nem para onde. O sertanista Orlando Villas-Boas, antigo "dono" dos índios, insurge-se contra interferências estran-geiras e, numa velada confissão de culpa, profliga a Europa pela colonização da África. A cadeira vazia de Juruna, no Tribunal Russel, marcará como um estigma, no coração do mundo civilizado, a luta de um índio contra um massacre que começou com Pedro Álvares Cabral. Melhor seria deixarem Mário Juruna, esse Cochise moderno, defrontar-se num foro internacional com o tu-kano Álvaro Sampaio, o Sadat dos índios, a bem da verdade índia.

Berlando Raposo
— Recife —